

UMA VIDA DE MENINA ENTRE AS PAREDES DE UM HARÉM: REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO FEMININO EM *SONHOS DE TRANSGRESSÃO*, DE FATIMA MERNISSI

Rodrigo Nunes de Souza ¹
Vanessa Neves Riambau ²

RESUMO

Sonhos de Transgressão: minha vida de menina num harém (1996), de Fatima Mernissi, escritora e socióloga marroquina, assume um caráter autobiográfico e destaca como a vida da menina Fatima, narradora-personagem do romance, apreende seu lugar na sociedade ao conhecer as diferenças de direitos entre homens e mulheres. Ao conviver com outras parentes, a personagem passa a compreender que, naquele espaço, o harém, as regras são ditadas conforme o gênero e que, dependendo de onde as mulheres estejam, esse espaço é opressivo para as mulheres. Sendo assim, o presente artigo destaca como a autora problematiza o lugar que as mulheres ocupam no harém, bem como os mecanismos encontrados para romper com os discursos de silenciamento e submissão repassados às personagens. Dessa forma, busca-se compreender como a autora apresenta e questiona o espaço em que essas mulheres vivem nos haréns que a menina Fatima transita: o harém de sua avó paterna, onde mora, e o harém de sua avó materna, espaço em que as personagens femininas (con)vivem com uma perspectiva de liberdade e rompimento da opressão às mulheres.

Palavras-chave: Caráter autobiográfico, Gênero, Harém, Espaço feminino, Silenciamento.

INTRODUÇÃO

Pensar em como um espaço é reservado às mulheres, é destacar as influências que o patriarcado tem no que tange ao lugar do feminino em uma sociedade marcada pelo silenciamento e respeito às tradições. Assim, pensa-se que esse espaço tende a reforçar as condições da mulher, aprisionando-as em circunstâncias em que o seu papel, muitas vezes, é reservado apenas ao seio doméstico, como ao lar, aos filhos e aos maridos. Contudo, quando se transpõe essa discussão para a literatura, tem-se mecanismos de refutar e problematizar o espaço feminino, como ocorre nas narrativas de autoras africanas.

Entre essas autoras, destaca-se Fatima Mernissi (1940-2015), socióloga e feminista marroquina, cuja atuação pelos direitos das mulheres, em seu país, fez dela uma das vozes mais representativas. É a partir da sua atuação que seus escritos são produzidos, com ênfase no

¹ Doutorando em Letras (Estudos Africanos e Afro-brasileiros) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, nunnes-rodriigo@hotmail.com;

² Professora do curso de Letras e da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, vanessariambau@gmail.com

contexto árabe-muçulmano e na desconstrução dos estereótipos direcionados às mulheres que seguem a tradição islâmica. Com textos fortes e que causaram impacto na parte norte da África, Fatima Mernissi se tornou uma atuante pela efetivação de direitos considerados básicos, como ao voto, ao uso optativo do véu e à educação. Dito isto, o presente artigo visa questionar os espaços direcionados ao feminino, especificamente o harém, presentes em seu romance autobiográfico *Sonhos de Transgressão: minha vida de menina num harém*, lançado no Brasil em 1996.

Nesta obra, a autora apresenta uma narradora que, assim como ela, se chama Fatima, uma menina de nove anos que passa a problematizar os motivos que a levam ser barrada em determinados espaços do harém em que mora, juntamente com outros familiares. Seguindo fortemente os ensinamentos de sua avó paterna, matriarca desse espaço, a protagonista se questiona do porquê de Samir, seu primo, ter acesso livre a outros cômodos e ela, como dito, não. Além desse ponto, a menina passa a buscar por respostas para as perguntas levantas por sua mãe, Habiba, tia da personagem, Chama, sua prima, Mina, a empregada da casa, e, por fim, Yasmina, sua avó materna. Aqui, situa-se a importância dessas outras mulheres para os anseios de Fatima, espécie de alter ego da autora.

Ao trazer suas experiências para produções como *Sonhos de Transgressão*, a autora parte de seu lugar social, em um Marrocos marcados por questões que se diferem das atuais, como o uso obrigatório do véu. Com isso, Fatima Mernissi expandiu a discussão sobre a questão da mulher, como os conhecimentos adquiridos no meio acadêmico e a visão de seu “ativismo a fim de buscar igualdade de gênero” (CASTRO, 2019, p. 143). Desse modo, para Mernissi, era preciso mostrar como um discurso elitista expande a inferioridade feminina, buscando destacar que o Alcorão, livro sagrado para os muçulmanos, não é o único responsável pela disseminação desse discurso.

Em seus escritos, Fatima quebra com a ideia da mulher submissa e demonstra, com nitidez, que as mulheres magrebínas, africanas e muçulmanas, ao contrário dos discursos ocidentais, desafiam o patriarcado, rompendo com a perspectiva de que essas mulheres sofrem apenas com o apagamento e o silenciamento de suas vozes. As personagens femininas de *Sonhos de Transgressão*, para além da protagonista, questionam esse lugar de submissão e levantam problematizações acerca do que é permitido ou proibido para elas. Para Castro (2019), a autora encontrou em suas próprias experiências, como as domésticas, fontes para construir suas narrativas e entender o papel de subalternidade imposto às mulheres. Ainda de acordo com a pesquisadora, foi retirando de sua infância, como se vê no romance objeto de análise desse estudo, os pressupostos que levam a compreender como o harém se torna um espaço que

aprisiona as mulheres em situações de submissão, enfatizando seu ativismo, recusando as ideias de um feminismo ocidental e, como aponta Castro (2019, p. 144), ‘por que as mulheres não possuem os mesmos direitos dos homens?’’, o que se observa através da menina Fatima e que os tópicos seguintes buscam explicar.

TRANSGREDIR: O PAPEL DE FÁTIMA MERNISSI NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE AUTORIA FEMININA

Escrever, para Marguerite Duras, nasce da solidão. Este sentimento urge do autor, pois é com o silêncio que nasce a escrita e, assim, as diferentes percepções que dela surgem. Pensando desse modo, percebe-se que o papel de escrever sobre as realidades que permeiam a condição feminina, no caso de Fatima Mernissi, se faz mister para se entender as razões que levaram a autora a se dedicar tão fortemente em apresentar e denunciar como as mulheres são afetadas pelo patriarcado em um espaço como o harém, muitas vezes apenas apresentado como um lugar de virilidade masculina.

Ainda seguindo o pensamento de Duras, escrever, quando se trata de produções cuja autoria é feminina, é romper com injustiças. Para a autora, é através de uma escrita que revela os anseios mais íntimos que se tem uma descoberta do desconhecido, atuando como uma aliada das denúncias dos problemas sociais que acometem muitas sociedades em que a mulher, como no caso do Marrocos, é silenciada e, durante muito tempo, impedida de expressar as angústias que as marcações sociais impunham. Ou como destaca a autora (DURAS, 2021, p. 64):

É o desconhecido de si mesmo, da sua cabeça, do seu corpo. Escrever não é nem mesmo uma reflexão, é um tipo de aptidão que temos ao lado da nossa pontualidade, paralelamente a ela, uma outra pessoa que aparece e que avança, invisível, dotada de pensamento, de raiva, e que, algumas vezes, coloca a si mesma em risco de vida.

São as ousadias de mulheres, como Fatima Mernissi, que se coloca como um ‘risco de vida’ que se observa como a escrita de autoria feminina se faz importante ao denunciar as problemáticas sociais que condicionam, muitas vezes, as mulheres que são vítimas de um patriarcado que trabalha na omissão de suas vozes e renega, em partes, seus protagonismos, visto que, nesses espaços, os lugares para o feminino são demarcados e especificados para se

atender àquilo que as tradições culturais esperam, como o casamento arranjado ou uma educação voltada para o seio doméstico.

É escrita quem assume um papel de destaque nestas produções, já que é através dela que se tem uma experiência de como se dão as situações das mulheres no âmbito social. Para Cixous (2022), é preciso que os textos de autoria feminina se façam, ou seja, as mulheres devem se colocar nos escritos, pois são através deles que se tem uma noção de como se dá a realidade feminina. Além disso, ainda de acordo com a autora, a mulher, quando escreve e se coloca no texto, atrai outras mulheres, fazendo com que esses textos sejam um caminho para o silêncio que, violentamente, as afastaram de meios de comunicação e denúncia, visto que ‘é preciso que a mulher se coloque no texto – como no mundo, e na história –, por seu próprio movimento’ (CIXOUS, 2022, p. 41).

No caso de Fatima Mernissi, sua escrita assume um papel de transgressão, tendo a autora um papel importante ao apresentar e esmiuçar a situação das mulheres no Marrocos. Esse papel está presente em suas obras de ficção e acadêmicas, unindo experiências pessoais com sua vida de socióloga, área esta que foi muito forte em seu ativismo em prol da igualdade de gênero no país. Ao transgredir, Mernissi dialoga com a ideia de uma escrita que traz um efeito de solidariedade, como aponta Telma Borges (2020, p. 90). Para esta, a escrita vai muito além do registro físico, assumindo, também, uma relação de escuta e chamamento à reflexão no que diz respeito aos lugares sociais e as implicações que estes podem trazer para as mulheres.

Com isso, percebe-se que a autora constrói um romance em que a escrita se preocupa em apresentar ‘um caráter da verdade [que] é revelado por meio da ficção’ (BORGES, 2020, p. 93). Desta forma, a linha ficcional escolhida pela autora relaciona-se à ideia de destacar as agruras de uma sociedade patriarcal e a luta pelos direitos das mulheres, com uma autora que assume a função de narradora e personagem de uma história que descreve como o Marrocos, de 1940, ano de nascimento de Mernissi, anda junto com a realidade feminina em um espaço, o harém, que figura no imaginário social como um lugar em que o masculino e seus direitos são mais respeitados e esperados socialmente.

Há um caráter de liberdade na construção de *Sonhos de Transgressão*, visto que não há uma restrição de se pensar uma nova concepção do gênero. Dito isto, o romance, historicamente, possui uma fortuna de privilégios que fazem com que outros gêneros se incluam na concepção de uma narrativa mais longa. Na obra de Fatima Mernissi, as narrativas orais, como as de Sherazade, misturam-se às problematizações levantadas pela narradora ao se questionar sobre o espaço que é reservado às mulheres. Há uma espécie de ‘generosidade’,

como aponta Marthe Robert em sua obra que versa sobre o gênero romance (ROBERT, 2007, p. 13-14):

Da literatura, o romance faz rigorosamente o que quer: nada o impede de utilizar para seus próprios fins a descrição, a narração, o drama, o ensaio, o comentário, o monólogo, o discurso; nem de ser a seu bel-prazer, sucessiva ou simultaneamente, fábula, história, apólogo, idílio, crônica, conto, epopeia; nenhuma prescrição, nenhuma proibição vem limitá-lo na escolha de um tema, um cenário, um tempo, um espaço; nada em absoluto o obriga a observar o único interdito ao qual se submete em geral, o que determina sua vocação prosaica.

Desse modo, constata-se que, em *Sonhos de Transgressão*, a aliança entre ficção e realidade são fundamentais para se compreender os motivos pelos quais a autora se debruça sobre a questão das mulheres marroquinas em um romance que se alia a história locais e experiências pessoais para apresentar, aos leitores, uma outra visão sobre as que vivem em um espaço como o harém. Busca-se compreender, agora, como essa união, dentro das misturas de gênero que o romance apresenta, liga-se ao autobiográfico e como este elemento relaciona-se aos espaços, dentro do harém, reservados ao feminino.

DESCONSTRUÇÃO DA IDEIA DE HARÉM: O ESPAÇO FEMININO EM QUESTÃO

Para Michelle Perrot (2011), o espaço, quando relacionado ao feminino, é visto como um lugar de ocupação para as mulheres. É visto como aquele ambiente em que as mulheres são vistas exercendo seus afazeres, os que, muitas vezes, descrevem as funções de subalternidades a que socialmente são condicionadas. Já quando se relaciona ao masculino, ainda de acordo com Perrot (2011), a perspectiva é de que os homens possam exercer seus deveres, como aqueles que lhes impõem virilidade.

Antes de discutir como se dá a relação do espaço e do feminino, é importante destacar que, no caso da obra de Fatima Mernissi, há uma correlação entre as experiências pessoais da autora com as questões que a narradora-personagem descreve como se deu sua infância em um ambiente cujas vivências podem se atrelar às descrições feitas por Michelle Perrot (2011). Em 1996, ano de publicação do romance no Brasil, a autora revelou em entrevista que a obra possui características autobiográficas (SCALZO, 1996): ‘‘O primeiro parágrafo é real, mas no resto do livro uso acontecimentos de minha vida para bordar e comunicar algo sobre as fronteiras. O herói do livro não sou eu, minha mãe ou qualquer outra.’’

Para Mernissi, o herói, em *Sonhos de Transgressão*, é a *hudud*: espaços sagrados que, nos haréns, demarcam o que é proibido (no que refere às mulheres, há limites e locais em que elas não podem ultrapassar – na obra, esse aspecto é revelado quando Fatima é proibida de frequentar certos espaços e seu primo Samir, não) e o que é permitido (aos homens e mulheres, isso se torna relativo, já que, em alguns espaços, a permissão ao feminino são dadas). Dessa forma, reflete-se que o espaço, ao se ligar às mulheres, é demarcado por linhas patriarcais que, por sua vez, dialogam com as tradições impostas e perpetuadas em uma sociedade que permite determinadas regalias e as proibido de adentar outros lugares em que essas linhas patriarcais corroboram o lugar de privilégio masculino.

O caráter autobiográfico, de acordo com Lejeune (2008, p. 57), apresenta-se como aquele que não encontra no anonimato. De acordo com o pesquisador francês, para que haja uma obra de cunho autobiográfico, é preciso um referencial, o que se constata na própria referência que a autora faz a si mesma e às circunstâncias vividas por ela, como destacado na entrevista que Mernissi deu no ano de publicação da obra no Brasil. Pode-se observar essa referência logo no primeiro capítulo do romance – marcado pela realidade destacada pela autora em entrevista:

Nasci em 1940 num harém em Fez, cidade marroquina do século IX que fica cerca de 5 mil quilômetros a oeste de Meca e mil ao sul de Madri, uma das perigosas capitais dos cristãos. Meu pai sempre me disse os problemas com os cristãos começam, da mesma forma que com as mulheres, quando não se respeita a *hudud*, ou fronteira sagrada. Nasci dentro do próprio caos, uma vez que nem os cristãos, nem as mulheres aceitavam as fronteiras. (MERNISSI, 1996, p. 09).

Do trecho, destaca-se como a questão da luta pelos direitos das mulheres já se apresentava contemporâneos aos questionamentos que a autora levanta ao longo da narrativa. Romper com os *hududs*, para a autora-narradora-protagonista, embasa suas visões nas referências que fazem parte de sua vida, caracterizando o “pacto autobiográfico” que aponta Phelippe Lejeune (2008). Para ele, esse pacto está ligado ao compromisso com a verdade, construindo uma espécie de “contrato” entre a ficção e a realidade, selando uma identidade que se apresenta pelo próprio autor.

Fatima, a narradora-personagem, referência direta entre as experiências apresentadas no enredo e os elementos ficcionais, é a representante do “contrato” selado entre os dois elementos acima apontados, já que, assim como a autora, a personagem é uma menina que cresceu em um harém marroquino, em 1940, em Fez, com lugar demarcados para os homens e

para as mulheres. São estas, inclusive, que se tornam a principal fonte de informação e busca por respostas aos questionamentos que a menina Fatima passa a fazer quando é impedida de ultrapassar um espaço que seu primo Samir, que nasceu no mesmo dia e local que a narradora, obteve permissão de adentrar. Como destaca protagonista, ela aprendeu, desde cedo, que esses limites devem ser transgredidos – sonho de todas as mulheres, mesmo que isso traga consequências (MERNISSI, 1996, p. 09):

No entanto, as mulheres tinham um único sonho na cabeça o tempo todo: transgredir. O mundo além dos portões era a obsessão. Da manhã à noite alimentavam fantasias de percorrer as ruas que não tinham acesso, enquanto os cristãos continuavam atravessando o mar, portadores da morte e do caos.

Transgredir, portanto, para essas mulheres, fontes de referências para a menina Fatima, torna-se a fertilidade na luta para sucumbir com as opressões que a sociedade patriarcal impõe. Dessa forma, as respostas são encontradas à medida que a narradora-protagonista vai conhecendo como o patriarcado está presente naquele espaço que não é totalmente visto como sinônimo de liberdade para as mulheres, como as experiências com Chama, a prima que “encorajava as crianças menores” (MERNISSI, 1996, p. 14). Reflete-se, por fim, como o harém interliga-se ao patriarcado e o sonho de transgressão que as mulheres de Fez alimentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar um romance em que as mulheres estão relegadas às fronteiras do que é permitido e proibido, Fatima Mernissi (des)constrói a perspectiva de que o harém, ambiente sagrado e que, no imaginário popular engrandece a virilidade masculina, não apresenta uma visão que busca ressignificar os discursos em torno da mulher, a autora tece críticas pertinentes ao espaço como um lugar em que a voz feminina não é ouvida. Faz-se importante, portanto, perceber que, apesar do silenciamento, as personagens femininas acabam destoando dos discursos sociais mais conhecidos, como aqueles que encaixam as mulheres em situações de submissão e subserviência. Destarte, em *Sonhos de Transgressão: minha vida de menina num harém*, Mernissi traz mulheres, como a mãe da narradora-protagonista, Tia Habiba, Chama, Mina e Yasmina, como representantes da transgressão do poder que, inicialmente, as aprisiona em um lugar de silêncio e reprodução dos costumes locais. É quebrando com esse patriarcado, ancorado em uma escrita que promove um protagonismo ao feminino, que a autora costura

histórias de superação e que podem problematizar os sonhos daquelas que lutam e buscam por um espaço para além dos muros de um harém.

REFERÊNCIAS

BORGES, Telma. Autoria e (meta)autoficção no século XXI. In: MITIDIÉRI, André Luís; CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira (orgs.). **Revisões do cânone**: estudos literários e teorias contra-hegemônicas. Uberlândia: O sexo das palavras, 2020. p. 84-107.

CASTRO, Isabelle Christine Somma. Fatema Mernissi: uma contestadora do patriarcalismo no mundo árabe-islâmico. In: CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos (orgs.). **Intelectuais das Áfricas**. 2^a. ed. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 143-148.

CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

DURAS, Marguerite. Escrever. In: **Escrever**. Tradução de Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021. p. 22-64.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria G. Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MERNISSI, Fatima. **Sonhos de Transgressão**: minha vida de menina num harém. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PERROT, Michelle. **História dos Quartos**. Tradução de Alcida Brant. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

ROBERT, Marthe. **Romance das origens, origens do romance**. Tradução: André Telles. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SCALZO, Fernando. **Marroquina descreve a vida no harém**. 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/19/ilustrada/1.html>. Acesso em: 06 dez. 2022.